



10º Encontro Internacional de Política Social
17º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Democracia, participação popular e novas resistências
Vitória (ES, Brasil), 27 a 29 de agosto de 2024

Eixo: Marxismo, teoria social e crítica da economia política

**Desenvolvimento Desigual, Combinado Dependente:
Totalidade e Particularidade no Brasil**

Ricardo Souza Araujo¹

Resumo: O presente artigo propõe a leitura sobre a crise do capital na formação social brasileira. Temos como referencial teórico duas importantes vertentes do pensamento marxista: a Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado e a Teoria Marxista da Dependência. Apontamos uma relação dialética entre estas duas teorias aliando a totalidade do mercado mundial capitalista e as particularidades das formações sociais brasileira e latino-americana. Adotamos a metodologia da pesquisa bibliográfica, através da qual aprofundaremos os fundamentos das duas vertentes, seus pontos de consenso e divergência, bem como sua repercussão contemporânea.

Palavras-chave: Capitalismo Dependente; Desenvolvimento Desigual e Combinado; Formação Social Brasileira.

**Dependent, Uneven and Combined Development
Totality and Particularity in Brazil**

Abstract: This article proposes a reading of the crisis of capital in Brazilian social formation. We have as theoretical references two important aspects of Marxist thought: the Theory of Unequal and Combined Development and the Marxist Theory of Dependence. We point out a dialectical relationship between these two theories, combining the entirety of the capitalist world market and the particularities of Brazilian and Latin American social formations. We adopt the methodology of bibliographical research, through which we will deepen the foundations of the two aspects, their points of consensus and divergence, as well as their contemporary repercussion.

Keywords: Dependent Capitalism; Uneven and Combined Development; Brazilian Social Formation.

Introdução

Com o aprofundamento da crise do capital vivemos o agravamento das expressões econômicas, sociais, ambientais e políticas desta crise. De modo a preservar a acumulação capitalista e conter a queda tendencial da taxa de lucro, a classe dominante lança mãos de expedientes de austeridade. Aliam-se mecanismos de rebaixamento de salários; elevação do desemprego, subemprego e trabalhos precários de salário e direito; privatização de serviços e funções de Estado. Esta agenda neoliberal se impõe de forma desigual e combinada portanto mais severa nos

¹ Assistente Social na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA). E-mail: ricardo.tozza@gmail.com.

países dependentes.

Para analisar e enfrentar este cenário, é fundamental nos inserir em diferentes níveis de abstração (Osório 2012) buscando desvendar as relações entre o mercado mundial capitalista e as particularidades na formação social latino-americana, em especial a brasileira. Dentro do campo marxista cabe elencar duas importantes vertentes para este debate, embora não sejam diretamente alinhadas, possuem importantes pontos de convergência e diálogo:

a) Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado, elaborada pelo revolucionário russo Leon Trotsky e discutida por importantes lideranças da IV internacional, tais como George Novack, Ernest Mandel, Nahuel Moreno e Michael Lowy.

b) à Teoria Marxista da Dependência, fundada por Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos e Gunder Frank.

Embora não seja um debate recente sobre o diálogo entre estas duas escolas, ele é marcado por disputas políticas e teóricas pretéritas e contemporâneas, os principais representantes destas duas vertentes, guardadas as proporções, foram além de intelectuais, foram dirigentes revolucionários, que enfrentaram diferentes conjunturas e foram perseguidos e sofreram inúmeras tentativas de apagamento de seu legado.

Dadas às similaridades das perspectivas teóricas do **DDC** e da **TMD** faz-se oportuno investigar os pontos de convergência, divergência e complementaridade entre essas duas escolas do pensamento marxista, preservadas as particularidades históricas e políticas de cada uma delas. Seus principais autores, Trotsky e Marini, viveram momentos históricos expressivos do século XX, inclusive no combate às expressões contra-revolucionárias de determinados períodos de suas atuações militantes. A ascensão do nazifascismo na Europa ou a implementação das ditaduras no Cone Sul são exemplos ilustrativos.

Trotsky em “Revolução e Contrarrevolução na Alemanha” (1934), explicita a falha da III Internacional Comunista ao negar a unidade com a social-democracia contra o Nazismo. Por outro lado, Marini, então liderança do MIR no Chile, em “Reformismo e Contrarrevolução” (1973) aponta o equívoco do Partido Comunista e da Unidade Popular em insistir na conciliação com a burguesia, que trouxe o

enfraquecimento de uma possível radicalização de um processo revolucionário autêntico no Chile.

Frente a isso, propomos neste artigo, retomar os fundamentos teóricos destas vertentes, com base em pesquisa bibliográfica, identificar pontos de consenso, complementaridade e oposição, bem como articular totalidade e particularidade na análise da realidade social brasileira

O Desenvolvimento Desigual e Combinado

O movimento operário na virada do século XIX para o século XX hegemonicamente tinha uma visão dogmática da obra de Marx, ao entender que o avanço das produtivas, e portanto à sua contradição com as relações de produção, levaria inevitavelmente às revoluções socialistas eclodirem, necessariamente nos países de capitalismo de capitalismo mais avançado, ou seja países europeus industrializados. No entanto, esta visão falha ao desconsiderar o vetor da luta de classes, da correlação de forças necessária para a tomada do poder e à superação da ordem do capital, portanto nem a revolução socialista é inevitável, muito menos a contrarrevolução. Também neste período o capitalismo ascende à sua fase superior, do imperialismo (Lênin, 2012) logo se impõe como modo de produção mundial, constituindo centros, periferias e semiperiferias sob à hegemonia do capital industrial e financeiro.

O capitalismo se universaliza, mas não de forma homogênea, diferentes formações sociais pelo mundo coexistem relações capitalistas e pré-capitalistas, e abrem contradições com potencial revolucionário. Não à toa a primeira revolução socialista vitoriosa ocorreu na Rússia em 1917, sob direção do Partido Bolchevique. Buscando os fundamentos para este processo, Lênin, Trotsky e outros tantos teorizaram a respeito dos desafios ali impostos. Trotsky, portanto identifica a lei tendencial do “**Desenvolvimento Desigual e Combinado**” (1977), que consiste no princípio da não-linearidade do processo histórico da coexistência entre o moderno e o arcaico em sua unidade contraditória:

A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processo histórico, evidencia-se com maior complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob

o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de lei do desenvolvimento combinado, que significa aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as mais modernas” (Trotsky, 2007, p. 25).

O caráter desigual é inerente ao processo histórico de desenvolvimento das múltiplas sociedades no mundo, com diversas experiências e em níveis e avanço técnico no domínio dos meios de produção e reprodução social. Porém nenhuma sociedade desenvolve-se completamente isolada, e a própria expansão capitalista gera o caráter combinado, principalmente em sua fase imperialista ao instituir um mercado mundial em que as grandes potências apropriam-se da riqueza produzida não só por seus trabalhadores locais, como àquelas produzidas em qualquer outro rincão do mundo.

Precisamente porque o capitalismo é o primeiro modo de produção a atingir caráter mundial, ou seja, ainda que heterogêneo, é justamente em sua fase imperialista, entre o final do século XIX e o início do século XX, que tal tese ganha caráter de lei, que se aprofunda com a mundialização neoliberal contemporânea. Nessa perspectiva, o capitalismo, exclui a possibilidade de uma repetição simples das formas de desenvolvimento realizada por outras nações. Sob o jugo das potências capitalistas, os “países atrasados” têm o “privilégio” de assimilar os avanços materiais, contornando etapas transitórias do processo histórico daqueles povos “modernos”.

Desta coexistência do arcaico e do moderno, Trotsky concebe a tese da **Revolução Permanente** (2011) na qual, especialmente nos países periféricos, a revolução proletária teria de combinar as tarefas democráticas (derrubar o czar, democratizar, partilhar a terra etc.) e as medidas socialistas (expropriação da burguesia), portanto tarefas transitórias ao socialismo. Trotsky destaca que devido ao atraso histórico da Rússia, o elo fraco da cadeia imperialista, a revolução pôde colocar o poder nas mãos do proletariado russo antes dos trabalhadores dos países avançados. No entanto, o sucesso da experiência de Estado Operário em um país atrasado, cerca de potências imperialistas, dependerá da arena da revolução mundial, que começa em nível nacional, mas deve estender-se para outros países, especialmente no mundo industrial avançado, sob pena de degenerar-se burocraticamente ou ainda restaurar as relações de produção capitalista, como infelizmente ocorreu na maior parte dos processos revolucionários do último século.

Segundo Löwy (1998), esta perspectiva revoluciona a concepção de civilização no pensamento marxista, por instituir uma correta apreensão da totalidade dialética, buscando sanar problemas da realista. romper com oS paradigma evolucionistas, etapistas e eurocêntrico da história, portanto esta concepção permite teorizar a movimentação revolucionária para todos os países periféricos, mesmo os que não tiveram experiência de revolução democrático-burguesas, logo as elites já não atenderia as mínimas bandeiras liberais consolidadas nos países centrais, cabendo aos trabalhadores transitarem da revolução democrática para a revolução socialista.

A Teoria Marxista da Dependência

Na realidade brasileira e latino-americana, cuja formação econômico-social está diretamente vinculada aos processos de colonização e escravização, O processo de colonização das Américas e sua transição para o **Capitalismo Dependente** foram expressões da coexistência entre as formas de produção e reprodução social arcaicas e modernas. Apesar da independência formal, ela ocorre em uma inserção subordinada ao mercado mundial imperialista , majoritariamente no papel de exportadores de matérias-primas.

Para Gunder Frank (1973) o **subdesenvolvimento** dos países da América Latina se dá, justamente determinado pelo **desenvolvimento** do capitalismo central,, posto que, o subdesenvolvimento e a dependência são funcionais à própria dinâmica central do capital. Frank foi um dos pioneiros na crítica das teses a respeito do caráter feudal dos países Latino-Americanos, bem como na crítica às expectativas nacional-desenvolvimentistas em relação às burguesias locais.

O autor ainda é categórico ao identificar o papel das burguesias nacionais da América Latina, como operadores subordinados da centralidade do capitalismo, portanto, rechaça qualquer unidade nacional-desenvolvimentista com a elites locais, ao afirmar que: “O inimigo da libertação nacional na América Latina é, taticamente, a Burguesia Nacional e, estrategicamente, o inimigo principal é o Imperialismo”

Vânia Bambirra (2013) atribui o ‘atraso’ dos países dependentes como consequência e condição do desenvolvimento das grandes potências capitalistas mundiais, enquanto unidade histórica. Portanto, desenvolvimento e subdesenvolvimento

capitalista são faces opostas relacionadas, em que à acumulação imperialista demanda o subdesenvolvimento das periferias. Porém, destaca que não se trata de um conjunto homogêneo de economias dependentes-exportadoras. São nações desigualmente desenvolvidas, seja nos processos de independência nacional, em seus diferentes arranjos de regime político e econômico, bem como, na dinâmica da luta de classes em suas particularidades.

Aliada ao conceito de Subimperialismo de Marini, este novo padrão de dominação imperialista busca criar potências regionais, capazes de extrair valor de países menos desenvolvidos e controlar mercados, repassando às potências centrais, desenvolvendo-se dentro das estruturas subordinadas imperialistas:

No plano que se refere ao sistema de exploração, a América Latina se bifurca; suas possibilidades de reunificação devem ser buscadas no plano da oposição popular a este sistema. Ou seja, o capitalismo tende a dividir o continente entre sub potências dominantes e países dominados e apenas o socialismo poderá impedir esse processo e restaurar a unidade continental (Bambirra, 2013, p. 222).

Bambirra é categórica ao negar as ilusões desenvolvimentistas e reforça a urgência da luta socialista, como única forma de garantir o desenvolvimento e a soberania nacional, não apenas de um país ou outro, mas da “Pátria-Grande” latino-americana, artificialmente e perversamente segmentada pelo capital imperialista.

Em a “**Dialética da Dependência**” (2005), Ruy Mauro Marini, retoma os fundamentos da crítica da economia política e, a partir destes, elabora leis tendenciais próprias das economias dependentes, desafiando pretensos dogmas do marxismo da época. A obra reflete em seu título o fenômeno da transferência de valor desigual entre as economias dependentes às economias centrais, em favor das últimas, o que induz as elites locais a explorar ainda mais os trabalhadores da periferia, impondo-lhes a superexploração, como contramedida frente às perdas internacionais.

Deve-se ressaltar que, mesmo com a parcial industrialização de boa parte dos países dependentes, ao longo da segunda metade do século XX, devido à forma integrada e a submissão ao imperialismo, persiste o subdesenvolvimento. Prevalece a dependência e o atraso tecnológico com o pagamento de *royalties* às potências centrais, sem as mínimas condições de concorrência no mercado mundial com a mesma produtividade. Com a economia centrada nestas exportações de produtos primários

identificamos uma característica das economias dependentes, o **intercâmbio desigual**: Nesse processo de troca as mercadorias manufaturadas, com alto nível tecnológico são vendidas a um preço “acima” do valor, o que pode ser identificado como a transferência de valor, da economia dependente para a economia central. Verifica-se nesta situação que há nações desfavorecidas que passam a ceder “gratuitamente” parte do valor produzido em suas economias, apesar da maior produtividade obtida nas economias centrais, cujo efeito em condições normais seria a redução do valor individual dos manufaturados (Marini, 2005)..

Mathias Luce (2018) identifica como formas contemporâneas de transferência de valor, além da deterioração dos termos de troca no mercado mundial, às remessas de lucros e royalties de empresas estrangeiras, a renda diferencial da terra e os serviços da dívida pública. Destaca o autor que, desde as “independências formais” das metrópoles ibéricas, os países latino-americanos contraíram dívidas com o imperialismo britânico, e posteriormente foram explorados pelo imperialismo estadunidense. Esse sistema de dívida secular passou a ser importante instrumento de subordinação dos Estados nacionais e de transferência de valor às economias imperialistas exportadoras, não apenas de produtos manufaturados, como também de capitais.

Para contrarrestar o caráter desigual na concorrência do mercado externo e o atraso técnico na produtividade, a acumulação capitalista dependente lança mão do expediente da **superexploração da força de trabalho**. Cabe ressaltar que não se trata apenas de um superlativo dos mecanismos de exploração denunciados por Marx em O Capital. Marini demonstra uma tendência das economias latino-americanas, por se inserirem de maneira subordinada no mercado mundial como países agroexportadores e extrativistas, ao transferirem para os países imperialistas grande parte dos valores que criam internamente

Marini ,portanto ,desenvolve o conceito de superexploração e

A superexploração é melhor definida pela maior exploração da força física do trabalhador, em contraposição à exploração resultante do aumento de sua produtividade, e tende normalmente a se expressar no fato de que a força de trabalho se remunera abaixo de seu valor real (Marini, 2005, p. 13).

É do desgaste mais acentuado da força de trabalho que o capital dependente busca contrarrestar a diferença de produtividade das economias centrais no mercado

mundial. Dessa maneira a superexploração combina os seguintes expedientes, para além dos mecanismos de mais-valia absoluta e relativa presentes no capitalismo de forma geral:

- a) prolongamento da jornada de trabalho;
- b) intensificação da força de trabalho;
- c) remuneração abaixo do valor.

O prolongamento da jornada de trabalho sintetiza a luta entre trabalho e capital como uma disputa pelo tempo de trabalho contra o tempo livre. O aumento da intensidade busca elevar o desgaste físico e mental do trabalhador dentro do ambiente de trabalho, Já a remuneração abaixo do valor, elas tendem a ser insuficientes para suprir os bens e serviços indispensáveis para a manutenção da vida do trabalhador e de sua família.

Como tratam-se de economias majoritariamente agro-exportadoras há dois importantes efeitos: Não há interesse, por parte dos capitalistas locais, que lucram no comércio exterior interesse no consumo básico do mercado interno, portanto de valorização de salários, muito menos e políticas sociais públicas e gratuitas, como saúde, educação e previdência social Além disso Marini destaca que com o abastecimento de matérias primas, portanto o do barateamento relativo da força de trabalho nos países centrais, portanto garantindo a transição da mais-valia absoluta para a relativa, portanto a luta contra exploração e a superexploração do capital é uma luta de todos os trabalhadores do centro e da periferia.

Há de se observar o caráter estrutural do racismo e do patriarcado nas formações econômico-sociais dependentes, em especial o Brasil,.Segundo Ferreira e Fagundes (2021), o capital lança mão do expediente do racismo estrutural e do heteropatriarcado para ampliar os processos de exploração e alienação da classe trabalhadora como um todo, como estratégia permanente do capital de ocultar o trabalho expropriado e rebaixar o valor da força de trabalho.

Portanto a superexploração da força de trabalho e a transferência de valor são traços inerentes do capitalismo dependente que não podem ser superados pelo desenvolvimento capitalista interno, e apenas rompendo a cadeira imperialista e

capitalista de dominação é possível garantir soberania e dignidade.

Theotônio Dos Santos (2018) analisa a crise capitalista, que exige uma reestruturação do capital, com repercussões particulares na periferia, cujas burguesias nacionais são incapazes, não apenas de garantir o desenvolvimento capitalista soberano, mas inclusive de manter um mínimo padrão democrático. Logo estas burguesias apoiaram inúmeros golpes civil-militares nas décadas de 1960 e 1970 na América Latina.

Surge o “Fascismo Dependente” uma resposta desesperada à necessidade de sobrevivência do grande capital internacional e local, produto da derrota da fração nacional-desenvolvimentista que ganhava força nas décadas de 30 a 50. Diferentemente do fascismo europeu, , tem um vínculo mais direto às burguesias, inclusive imperialismo, logo não possui o mesmo afã nacionalista, portanto, não dispõe de grupos paramilitares para repressão, valendo-se da Doutrina de Segurança Nacional e das forças militares oficiais.

Para o autor a luta democrática só terá êxito se estiver vinculada ao movimento anti-latifúndio, anti-imperialista e anticapitalista. Sendo assim, é reforçado o caráter mundial e continental da luta antifascista, com possíveis alianças com setores burgueses ou pequeno-burgueses, que podem, pontualmente, atuar na luta democrática imediata, sem abrir mão da profundidade das pautas do proletariado

Segundo o Theotônio(2018) passagem do século XX para o XXI,período de redemocratização,confirma-se a hipótese dependentista: o desenvolvimento industrial da América Latina não resultou na ascensão para o patamar dos países desenvolvidos, pelo contrário, cresceu a distância dos países centrais. O crescimento da automação e da informatização concentrou capital nos países centrais e ampliou-se a composição orgânica. Fica ainda mais evidente o caráter de classe do Estado na periferia, a serviço da burguesia financeira, que cumpriu ainda o papel de alimentar as cadeias de pagamento de juros da dívida pública com elevadas taxas de juros, em detrimento de políticas sociais e os direitos dos trabalhadores.

O Caráter Desigual e Combinado do Capitalismo Dependente: Um Diálogo Necessário

Sobre estas duas vertentes teóricas é possível identificar pontos de convergência, complementaridade e oposição. É evidente a influência trotskista, portanto da tese do desenvolvimento desigual e combinado, dentro de vários intérpretes do Brasil, desde Mário Pedrosa, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez, entre outros. Sobre os autores dependentistas, embora haja elementos comuns, devem ser tratadas como escolas diferentes dentro do pensamento marxista, com potenciais diálogos na análise da realidade brasileira.

Para Mathias Luce (2018) essas duas vertentes operam em diferentes níveis de abstração, e não é possível relacioná-las. Sendo o DDC um nível de abstração mais amplo, sobre a desigualdade do ritmo dos processos históricos, para além do modo de produção capitalista, enquanto a TMD opera nos desdobramentos da lei do valor no processo de formação do mercado mundial e na integração dos processos produtivos. Mesmo admitindo esta posição, Osório (2012) afirma que níveis de análise, por mais que haja diferentes escopos de abstração e concretude, bem como categorias próprias, se inter-relacionam no corpus teórico que constituem. No entanto cabe destacar que ambas as categorias de análise emergem da constituição do Mercado Mundial, produto do Modo Produção Capitalista, principalmente em sua fase monopolista e imperialista, portanto suas legalidades se manifestam neste mesmo nível de abstração.

Já Medeiros e Bezerra (2019, p. 23) advogam que “o amálgama entre o arcaico e o moderno constitui uma tendência histórico-universal deste modo de produção, e não um aspecto específico das economias de capitalismo dependentes”. Nesta lógica, segundo os autores, o desenvolvimento desigual e combinado não se trata de tendência específica do capitalismo dependente, porém se manifesta de forma particular nestas economias, dada à coexistência do arcaico e o moderno em uma mesma totalidade social concreta. Portanto convergem com Luce quanto à abrangência da abstração em, porém identificam uma correlação totalidade-particularidade entre mercado mundial e formações sociais dependentes

Michael Lowy (1998) identifica convergência entre a tese do desenvolvimento desigual e combinado e do capitalismo dependente, que é retomada em “outros termos” por Gunder Frank e Marini.

Guimarães Júnior e Lopes (2016) fazem uma análise pormenorizada de à “Dialética da Dependência” de Marini e a “História da Revolução Russa” de Trotsky e apontam que independente da influência trotskista, se o desenvolvimento desigual e combinado vem sendo retomado por outros termos, em outros contextos históricos, por outros marxistas, comprova-se a veracidade e contemporaneidade material desta teoria, aliada à necessidade de seguir a análise e a intervenção na realidade nestes marcos. Segundo os autores, a estratégia pautada na Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, enxergando o funcionamento global do capital de modo dialético, colocou no centro da ação dos trabalhadores a possibilidade e a necessidade de realizar de imediato, nos países dependentes, um processo de ruptura com o capitalismo e o prosseguimento da construção do socialismo internacionalista, para assim, *dinamitar* a cadeia imperialista do capital.

Ronald Chilcote (2009), por sua vez, faz um amplo resgate da influência trotskista na América Latina. Chilcote (2009) é categórico em afirmar que há uma relação entre o desenvolvimento desigual e combinado e a tese do desenvolvimento do subdesenvolvimento assumida por Frank. Chilcote identifica um consenso entre Trotsky, Frank e Marini, sobre a incapacidade da burguesia latino americana de conduzir uma revolução democrático-burguesa, bem como o protagonismo do proletariado dos países periféricos, como “detonadores” de uma revolução mundial em cadeia, desde a periferia. Porém, não se evidencia consenso nos desdobramentos políticos da Revolução Permanente, principalmente em relação à crítica das experiências socialistas burocratizadas vigentes, nem se observa nos autores dependentistas posições que apontam para defesa de revoluções também nos países centrais.

Considerações finais

Como síntese, pode-se concluir que a presente revisão bibliográfica, longe de ser um esquema estático, objetiva avançar em uma síntese dialética entre estas

importantes vertentes do marxismo preservadas a sua independência histórica e política.

Torna-se evidente na atualidade o aprofundamento da crise e da mundialização financeira do capital, que torna mais pronunciado o caráter desigual e combinado do mercado mundial, assim como se aprofunda a dependência nas periferias.

Há em comum entre estas duas vertente: uma busca pela Totalidade enquanto fio-condutor; um acurado estudo da crítica da economia política; um compromisso político na auto-organização da classe trabalhadora e com o internacionalismo revolucionário, portanto acompanhado de duras críticas às posições etapistas, reformistas e nacional-desenvolvimentistas

Ambas as vertentes têm como horizonte fomentar a luta da classe, portanto com a posição firme contra a burguesia tanto as frações nacionais, como as imperialistas, inclusive em regimes autoritários.

Por isso tanto Marini quanto Trotsky e outros tantos intelectuais e lideranças sofreram inúmeras tentativas de apagamento seu legado, suas ideias e suas vidas. Lembrando que ambos os grupos eram minoritários no movimento revolucionário e estigmatizados, distorcidos, quando não perseguidos abertamente, pelo regimes liberais-burgueses, fascistas e inclusive pelo chamado “socialismo oficial”.

Evidentemente há diferenças de objeto em exame, que leva a distintas conclusões e contribuições originais ao pensamento crítico. Também, observa-se divergências de natureza político-conjuntural.

Esta relação dialética entre o desenvolvimento universal desigual e combinado e o particular capitalismo dependente é uma importante para análise e intervenção crítica diante da Formação Social Brasileira e as expressões contemporâneas da Questão Social.

A coexistência do arcaico e o moderno se expressa de múltiplas formas, seja na produção e reprodução do capital, na circulação no mercado mundial e local, na financeirização, na gestão do Estado, nas relações sociais, de trabalho, de gênero e étnico-raciais.

Se vivenciamos hoje um desenvolvimento desigual e dependente, atravessado pelo imperialismo e pela financeirização por um lado e pela dinâmica nacional

particular herdada do colonialismo e da autocracia burguesa dependente, com o aprofundamento da crise, para impor suas reformas, surgirão figuras autoritárias da extrema-direita, para impor a austeridade, cabendo à nós aliar a luta antifascista e anticapitalista. Por isso, é nosso papel desmistificar esses processos e constituir com a correta armação teórica e política para a luta de classes no Brasil e América Latina.

Referências

BAMBIRRA, V. **O capitalismo dependente latino-americano**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013

CHILCOTE, R. H. Influências trotskistas sobre a Teoria do Desenvolvimento. **Revista de Ciências Sociais**, Ceará, v. 40 n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/498>. Acesso em: 29 nov. 2019.

FERREIRA, Carla Cecília Campos; FAGUNDES, Gustavo Gonçalves. Dialética da questão social e a unidade classe, gênero e raça. **Temporalis**, Brasília (DF), v. 21, n. 42, p. 62-76, 2021. <https://doi.org/10.22422/temporalis.2021v21n42p62-76>

FRANK, André Gunder. **América Latina: subdesarrollo o revolución**. México, D.F.: Ediciones Era, 1973.

GUIMARÃES JUNIOR, M. C. P.; LOPES, T. C. O Desenvolvimento Desigual e Combinado: paralelos entre as obras “História da Revolução Russa” de Trotsky e “Dialética da Dependência” de Ruy Mauro Marini. **REBELA**, Florianópolis, v. 6, n. 2, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/267>. Acesso em: 30 nov. 2019

LÊNIN, Vladimir Ilich Ulianov. **O imperialismo: etapa superior do capitalismo**. Apres. Plínio de Arruda Sampaio Jr. Campinas, SP: FE/Unicamp, 2011.

LÖWY, Michel. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. **Rev. Outubro**, n. 1, 1998, p. 73-80.

LUCE, Mathias. **Teoria marxista da dependência: problemas e categorias, uma visão histórica**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro, (Orgs). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARINI, Ruy Mauro. **O reformismo e a contra revolução: Estudos sobre o Chile**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MEDEIROS, Evelyne, BEZERRA Lucas. Considerações sobre o Desenvolvimento desigual e combinado no capitalismo brasileiro. *In*: MEDEIROS, Evelyne; NOGUEIRA, Leonardo; BEZERRA, Lucas. (Org.). **Formação social e serviço social: a realidade brasileira em debate**. São Paulo: Outras expressões, 2019.

OSÓRIO, Jaime. Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica. *In*: FERREIRA, Carla; OSÓRIO, J.; LUCE, Mathias. (Orgs.). **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. São Paulo: Boitempo: 2012.

SANTOS, Theotônio dos. **Socialismo ou fascismo: o novo caráter da dependência**. Florianópolis: Insular, 2018.

SANTOS, Theotônio dos. A Teoria da Dependência: balanços e perspectivas. **Revista Movimento**, São Paulo, fev., 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/02/a-teoria-da-dependencia-balancos-e-perspectivas-capitulo-ii/>. Acesso em: 10 maio. 2023.

TROTSKY, Leon. **Como esmagar o Fascismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018

TROTSKY, Leon. **História da revolução russa**. Tradução: E. Huggins. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TROTSKY, Leon. **Revolução Permanente**. São Paulo: Sundermann, 2011a.